

MULTIPLICIDADE E MULTIDIMENSIONALIDADE NA HAVANA DE TRÊS TRISTES TIGRES, DE GUILHERMO CABRERA INFANTE

*Luís Sérgio Duarte da Silva**

ABSTRACT

The purpose of this text is to comment the meanings that History and Literature have in the *Três Tristes Tigres* novel. References to Havana in the late fifties are to be taken as a support.

RESUMO

Meu objetivo neste texto é comentar os significados que a História e a Literatura possuem no romance *Três Tristes Tigres*. Usarei como base de controle as referências à Havana da segunda metade dos anos cinquenta.

O problema da reflexão sobre as formas lingüísticas é que o poder de constituição das proposições não é sempre suscetível de reflexão. Wit e Kant já sabiam de sobra, ou seja, regras não identificáveis, às quais a função ordenadora (o pensar) não tem acesso, mas só a intuição.

* DUARTE, LUÍS SÉRGIO DA SILVA. Professor Investigador da Universidade Federal de Goiás.

Narrativa informada pela filosofia da linguagem, *Três Tristes Tigres*, de Guillermo Cabrera Infante, lança mão de metáforas do espaço contemporâneas aos próprios significados para tratar deles. Sentido e/ou significado completamente contextualizados tornam ultrapassada a referência a um objeto absolutamente concebido.

Três Tristes Tigres é a consciência possível de Havana nos anos cinqüenta. O uso lingüístico dos *cubanismos*, ao invés das determinações universalizantes, plasma imagens projetivas e não cópias de uma realidade evanescente. Daí os jogos de palavras (palíndromos, trava-línguas, justaposições) ou a alternância das perspectivas, os heterônomos, os duplos, as descrições detalhadas.

O romance de Infante está cheio de alusões (Batista, Sierra Maestra, Estados Unidos de América), mas é sobretudo o registro de Cuba e de Havana nos anos cinqüenta. A cena inicial do prólogo no Tropicana e as trocas de pontos de vista no capítulo dos estreantes (cantora de boleros, roceiro, fotógrafo, publicitário, mulher do coronel, crianças, a dançarina e sua amiga) são leituras de Havana que continuam em “A casa dos espelhos” e acabam por contrapor-se, no seu conjunto, às visões do casal de turistas americanos em “Os visitantes”.

Ocorreu-me que escrever História é sempre como recordar. Para Silvestre, um dos narradores de Infante (e, arrisco, seu alter ego), o historiador precisa do olhar do cinema e do olhar da lembrança. O primeiro produz um registro compreensivo, pormenorizado, dirigido, sobretudo, por paixão gravadora. A História, a Literatura e o cinema são produtos de consciências que experimentam as coisas imaginando que elas podem, de alguma maneira, ser recuperadas. Historiadores, cineastas e literatos são adeptos da evocação.

O olhar da memória, no entanto, é o mais importante. Para todos eles, a memória é vasta, profunda, eterna e vem em ondas sucessivas, incessantes, como o mar. Mas é também invenção, construção, escolha. No entanto, existe um terceiro limite para a evocação. A vertigem da memória, essa sensação de queda iminente, essa viagem brusca, insegura, essa aproximação de dois planos pela possível queda violenta: os planos

reais por uma queda física, vertical e o plano da lembrança pela queda horizontal, imaginária.

O pano de fundo da discussão sobre a memória é o tema da origem. Sabemos como a questão da identidade permeava o ambiente cultural cubano dos anos cinquenta: busca dos signos constantes da tradição cubana nas suas formas mais simples.

A prosperidade do centro turístico, a rica vida intelectual e o espaço democrático anterior às ditaduras de Batista e Castro produziram a busca de um espaço original cubano a partir do diálogo com as várias experiências modernistas. Um horizonte cultural propício à excelência criativa e à afirmação de particularidades, a constante inovação cultural dos modernismos latino-americanos: historicismo e vanguardismo.

Infante denomina como “lei de gravidade do tempo” a experiência da memória violenta, “irreprimível, abrupta, traiçoeira e noturna e que nos quebra a janela do presente como um lembrar ladrão”. Essa memória é que apresenta o valor, a preciosidade da lembrança. Ela é pesada e invasiva e por isso sustenta e dá sentidos. É principalmente no plano da memória mais que involuntária, violenta, que todas as histórias poderão ser contadas, apenas como instantâneas que invadem o presente. Imagens sintéticas, condensadoras, paradigmáticas que, se captadas por olhos apaixonados, podem compensar problemas de vista, como aqueles que Silvestre possui.

Infante valoriza a memória das crianças. Elas não têm os pudores e preconceitos dos adultos, como os de Delia Doce (a tia de Cuba Venegas, uma das cantoras de bolero de Infante) para quem Havana é perniciososa, ou de Madalena Crus, a futura corista que pensa que Havana é o lugar onde prima a vida. As crianças também carecem da revolta do adolescente, elas entram em qualquer lugar, olham todas as coisas, possuem poucos preconceitos.

Ainda a memória dos adultos é a memória da esposa do coronel, que no divã confessa as táticas do marido (“o melhor é não aparecer muito para ter as mãos livres”). É a memória alegórica do publicitário

Ribot que descreve o momento de pedir aumento de salário a seu chefe como uma tragédia. Ou, a memória do jovem interiorano engolido pelo ambiente depravado que lhe oferece dados irreconhecíveis.

Tanto a escrita da História apresenta aspectos performáticos, quanto a obra ficcional explicita um certo caráter documental. Dizer que a História respeita a verdade por registrar documentalmente os fatos é um despropósito, assim como acreditar na idéia de que a ficção não é registro. Sabemos que o valor cognitivo das narrativas está em oferecer uma conexão unitária de mundos que seriam inacessíveis sem elas. Temos na obra *Três Tristes Tigres* mais que um mosaico de Havana, a universalidade de sua narrativa.

As imagens da Marilyn Monroe anã, da tartaruga cantora de bolero, dos homens rãs da noite, “de la estrella, a cantora gigante, de Rolando”, o malandro de terno de linho 100 por cento branco, de Alex Bayer, aquele que sabe todas as histórias de Havana, cruzam-se com instantâneos das grandes avenidas (Infanta, Carlos III, La esquina de Tejas, Jesús del Monte, Malecor, La Rampa), dos bares (La Sierra, Las Vegas, La gruta, Wacamba, Marakas, Las Cibelles, El Cuervo, La Zorra, Eden Rock, o restaurante Humboldt, Flamingo Club, Buena Vista). Infante fornece um mapa de Havana para orientação do eleitor. Esse cuidado com a consulta quase desmente a advertência da nota que abre o livro e avisa: “qualquer semelhança entre a literatura e a história é acidental (...) os fatos são, às vezes, tirados da realidade, mas acabaram se tornando imaginários”.

Lá estão Beni Moré, a Radio Progreso, o Havana Yatch Club, o Vedado Tennis, o Casino Espanhol, o Club 21, o Hotel Nacional, o Casino Parisien, El Chori, o Saint Michel. Mas há sobretudo teorias: sobre Cuba (a não habitável, a terra do amor), o Brasil (a terra da miscigenação), a noite de Havana (lugar de exercício de zoologia), subdesenvolvimento (a grosseria da imitação periférica), a cidade de Havana (pedaço de selva, miragem, fantasma, umidade, calor, turismo, jogo, da importação, da contradição e do ar fresco da noite), o cinema (a terra do mito), o espaço (validade da interdimensionalidade e referência combinatória), cultura (a interrupção da felicidade).

O discurso meta-histórico de hoje estabelece uma clara distinção

entre objetividade e ficcionalidade. Objetividade está ligada ao projeto de auto-entendimento dos estudos históricos como disciplina acadêmica e científica que apóia-se em evidências empíricas e reivindica a verdade. A ficcionalidade chama a atenção para o fato construtivo da escrita da História: a descoberta da estrutura narrativa e dos procedimentos do pensamento histórico destaca o papel das formas lingüísticas e das operações poéticas no processo de representação do passado. A História é uma entidade cultural, um tipo de representação específica do passado, constituída por operações atuais. Entretanto, a narratividade não exclui a experiência e a evidência empírica. Mais que isso, a própria noção de experiência deve ser ampliada no sentido da sua multiplicidade e multidimensionalidade.

Infante parece nos alertar para isso.

BIBLIOGRAFIA

- CABRERA INFANTE, Guillermo, *Três Tristes Tigres*, Ed. Global, Porto Alegre, 1980.
- QUINTANA, Nicolás, "Cuba en su arquitectura y urbanismo", en *Revista Encuentro de la Cultura Cubana*, Madrid, n. 18, outoño de 2000.

Instruções para Envio de Artigos

A *Revista Brasileira do Caribe* publica artigos inéditos escritos em português, espanhol, francês e inglês.

Os artigos enviados à *Revista Brasileira do Caribe* serão analisados pelo Conselho Editorial que se reserva o direito de sugerir ao autor modificações de forma, com o objetivo de adequar o texto às dimensões da revista e a seu padrão editorial e gráfico. Aprovado o texto pelo Conselho Editorial, o trabalho é publicado.

Os trabalhos deverão ser formatados no Microsoft Word for Windows, espaçamento entre linhas simples, fonte *Times New Roman* em corpo 11, arquivados em disquete 3.5" e acompanhados de uma cópia impressa, ou enviados pelo e-mail. O artigo deve conter no máximo 15 páginas.

Os trabalhos deverão incluir as seguintes informações:

Título do trabalho em letra maiúscula, corpo 12

Nome do autor

Currículo resumido (aproximadamente 5 linhas)

Endereço, número de telefone, de fax e, se possível, e-mail.

Um abstract em inglês e outro em espanhol ou português.

As citações dentro do texto devem vir da seguinte forma: (Autor, Data, Número da Página). Exemplo: (CASTILLO, 1940,18)

- Citações maiores de três linhas devem ser destacadas do texto, recuadas, com corpo 10 e sem aspas.

- Citações menores de três linhas devem vir dentro do texto, entre aspas duplas; uma citação dentro de outra é indicada por aspas simples.

- Notas explicativas devem vir ao final do texto.

- A bibliografia, no final do artigo, deve apresentar todas as obras mencionadas no corpo do texto e nas notas explicativas, obedecendo à seguinte ordem:

Sobrenome(s) em maiúscula, nome ou inicial do nome, título da obra em itálico, editora, cidade de publicação, ano.

Exemplo:

ÁLVAREZ, Ernesto, *Manuel Zeno Gandía: Estética y sociedad*, EDUPR, República Dominicana, 1987.

Os artigos devem ser enviados à:

Revista Brasileira do Caribe - Universidade Federal de Goiás

Centro de Estudos do Caribe no Brasil - CECAB

Campus II Samambaia, FCHF, sala 42 -

Goiânia – GO/Brasil/ Cep: 74001-000

E-mail: cecab.caribe@bol.com.br



CENTRO EDITORIAL E GRÁFICO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Campus Samambaia - Caixa Postal131
Fones: (0xx62) 521-1107 / Fax: (0xx62) 205-1015
Cegraf@cegraf.ufg.br
[Http://www.cegraf.ufg.br](http://www.cegraf.ufg.br)
CEP 74001-970 - Goiânia - Goiás - Brasil
2001